

Novas Fronteiras Linguísticas: Um Estudo Sobre O Gênero Autobiográfico

Prof^a Dr^a Sandra Maia Farias Vasconcelos (CNPq)¹
Maria Neurielli Figueiredo Cardoso (PIBIC-CNPq)²

Resumo:

Esse estudo tem como objetivo trazer à tona uma nova categorização dos estudos da narrativa a partir da especificidade histórica pessoal. Percebemos haver uma lacuna nos estudos lingüísticos acerca das narrativas familiares, formadoras da pessoa em sua estrutura pessoal e profissional. Podemos explicar a autobiografia, tomando por base a Lingüística Textual, usando as noções de gênero e tipo de texto para explicar as escritas autobiográficas. Esse tipo textual, aqui chamada tipo narrativo, passa além das categorias tratadas por Barthes (1973) denominadas pelo autor: níveis da narrativa. As Histórias de vida e as narrativas autobiográficas formam uma classe narrativa que abrange as diversas formas de manifestações narrativas cunhadas na emotividade – relação com o emissor – e na realidade dos fatos, aspectos relevantes na construção discursiva.

PALAVRAS CHAVE: Narrativa autobiográfica, gêneros, escrita de si.

Este estudio tiene como objetivo sacar a la luz una nueva categorización de los estudios de la narrativa histórica de la especificidad personal. Tenemos un vacío en los estudios lingüísticos de la narrativa de la familia lingüística a la persona en la formación de su estructura personal y profesional. Podemos explicar la autobiografía la Lingüística Textual usando las nocções de generos y tipos de texto para mostrar las escritas autobiograficas. El tipo de texto, aquí llamado tipo narrativo, está más allá de las categorías abordadas por Barthes (1973) convocado por el autor: los niveles de la narrativa. La historias de vida y las narrativas autobiográficas hacen parte de un grupo mayor, la Autobiografía que cubre las diversas formas de las expresiones narrativas acuñadas en la emoción - la relación con el emisor - y la realidad de los hechos, las cuestiones pertinentes a la construcción discursiva.

PALABRAS CLAVE: Narrativa autobiográfica, gêneros, escrita de si.

BREVES PALAVRAS...

Quando pensamos em Linguística a primeira idéia que temos é a de uma ciência que estuda a língua, seus comportamentos e suas ocorrências nas comunidades discursivas. Por isso, são desenvolvidos diversos estudos linguísticos baseados em descrições e explicações sobre os aspectos formais da língua.

Tradicionalmente os estudos lingüísticos são baseados, como foi dito no parágrafo anterior, em minuciosas descrições e explicações sobre os aspectos formais da língua. A lingüística de Saussure é um exemplo dessa escolha em deixar de lado os estudos da língua em uso, a *parole*. Porém outros aspectos, que poderiam ser abordados, muitas vezes são esquecidos pelo fato de não serem considerados linguísticos. É o que acontece com a autobiografia que vem sendo considerada como assunto da sociologia, da história ou da psicologia conforme nos mostram Pineau (1996) e Dominicé (1996).

Objetivamos mostrar não o surgimento de um novo gênero, mas de um novo viés pelo qual esse gênero vem sendo estudado e ganhando espaço nas recentes pesquisas linguísticas. Estudado por Pineau e Le Grand (1993), quando desenvolveram o diagrama³ para explicar a História de Vida, o gênero autobiográfico ainda não ganhou o espaço merecido nas pesquisas, mas está crescendo.

Podemos fundamentar nossa explicação acerca da autobiografia vendo-a como um gênero discursivo, e aqui nos referimos ao que Bakhtin (2003) explica sobre gêneros do discurso, que são tipos *relativamente estáveis*⁴ de enunciados, recorrentes em situações características e são associados a esferas da sociedade, seja em linguagem cotidiana, seja em linguagem mais ou menos formal. Em princípio, as manifestações verbais se dão na forma de um *gênero de discurso*, que são marcados não só tematicamente como na forma de sua organização e de seu estilo.



A autobiografia tem atraído cada vez mais a atenção dos estudiosos em diversas áreas. Observamos que o desenvolvimento do gênero autobiográfico decorre de muitos séculos atrás, tendo sido as "Confissões" de Santo Agostinho o relato-chave para a constituição desse gênero. E mais, no século XVIII, a autobiografia era considerada como um gênero nobre e era merecedor de um espaço grandioso na sociedade. Agora, no século XXI, ele começa a deixar de ser visto exclusivamente como objeto de estudo literário ou sociológico e começa a ganhar espaço nas pesquisas linguísticas.

Não podemos pensar em autobiografia como um pacto em que o relato tenta ficcionalizar a experiência vivida. O que queremos expor não é a escrita como verdadeira ou falsa, real ou fictícia, haja vista que a escrita autoficcional será sempre ambígua. Trata-se de aportar um olhar crítico sobre as estratégias identitárias e discursivas do texto autobiográfico e se questionar acerca do lugar do autor na autoficção, a fim de perceber com se dá o processo de autoria.

Contar a própria história é um exercício de autoconsciência, de distanciamento que faz com que o narrador, numa espécie de reflexão interna, seja expectador de si mesmo: um *eu* que deseja contar sua história pessoal, que cria e ao mesmo tempo observa, dialoga e intervém no processo de criação. Sobre isso, Pineau (1996, apud MAIA-VASCONCELOS, 2005) nos explica que, no processo de interação, o locutor é imerso em sua vida, vai buscar dentro de si o sentido de eventos de sua vida que será metabolizado em palavras, e para tanto precisa se distanciar para ser capaz de compreendê-la.

Em seus estudos sobre autobiografia como processo de formação, Passeggi (2008) aponta três momentos essenciais da escrita de si: no primeiro momento é dada uma intimação ao autor para que se ponha no processo de escrita; o segundo momento é o momento da ação de escrita, de descoberta de possibilidades concretas de auto-relatar-se como auto-retratar-se, uma retomada mágica de um autodiscurso que se constrói se construindo. O terceiro momento leva o sujeito a distanciar-se de seu objeto, a escrita de si, e ao mesmo



tempo estabelecer um reconhecimento de seu papel como interlocutor ativo do processo de escrita.

Da mesma maneira, como no exemplo de Passeggi (2008) sobre os memoriais de formação, a produção de um relato oral ou escrito de si vincula-se a momentos bem particulares em que o sujeito, convidado a falar de si, deve tomar a iniciativa de contar-se, embora antes passando pela coerção provocada pelo pesquisador. É a descoberta de momentos não reconhecíveis que leva o sujeito a se interessar em construir sua história.

O que podemos perceber, até o exato momento, é que o gênero autobiográfico não é apenas um simples contar de histórias: ele nasce a partir do desejo que o sujeito/autor possui de construir sua história de vida com base em sua memória vivida.

ABORDAGENS EPISTEMOLÓGICAS

Uma das bases lingüísticas que podemos tomar para validar nossos estudos sobre autobiografia é a Linguística Textual (doravante LT), pois essa tem como objeto particular de investigação o texto – forma específica de manifestação da linguagem. Por seu caráter interdisciplinar, a LT abrange não somente as disciplinas ditas lingüísticas, como também as não lingüísticas, sendo grandemente utilizada, por exemplo, na pesquisa social.

O gênero textual forma grupos de textos que apresentam características semelhantes, como o tipo de informação a ser transmitida, a escolha da linguagem e a organização de sua estrutura fundamental. A autobiografia é um gênero geral, pois se dissermos apenas que um texto X é uma autobiografia, não estaremos lhe atribuindo nenhuma outra especificidade. O que irá vestir o gênero autobiográfico será o aspecto textual escolhido e este pode ser: narrativa



autobiográfica, história de vida, depoimento, entre outros. É o aspecto textual que rompe com a generalização e dá ao texto seu sentido próprio.

Como abordamos, o tipo narrativo que é aquele que apresenta uma história, expõe um acontecimento ou vários acontecimentos interligados entre si por um fio condutor. Precisamos levar, também, em conta, em uma narração, a seqüência, a evolução dos fatos. Apesar da maioria dos textos narrativos possuírem uma grande riqueza descritiva, o que o mantém predominantemente narrativo é a seqüência seguida.

Para Barthes (1973), precisamos compreender que o ato de ler ou de escutar uma narrativa não “é somente passar de uma palavra a outra: é também passar de um nível a outro” (p. 26). É dessa forma que o autor nos apresenta sua maneira de compreender uma narrativa, a partir de níveis, entre eles: (1) o nível das funções, o qual está ligado à própria funcionalidade dos elementos na narrativa, a sua significação; (2) o nível das ações, que é composto pelo estudo das personagens, e (3) a narração, que é a própria história narrada.

Outro aspecto, a ser considerado na narrativa, é o do destinador-destinatário. Por destinador, a narratologia não contempla o autor histórico – real – do texto, mas o autor implícito, aquele que é uma imagem quase literária do autor, tendo em vista que o narrador é o autor tal como ele quis mostrar por intermédio de suas escolhas de escrita, de suas criações lexicais ou lexicalizadas pelo contexto. A mãe de uma criança moribunda, por exemplo, faz o relato de uma dor “uterina” – advinda do útero – com a perda do filho. Nesse caso, o autor implícito é o sujeito da estratégia textual, tal como ela se manifesta para a análise.

Como já vimos, na autobiografia não é diferente. Segundo Delory-Momberger (2008), a representação biográfica toma, do tipo narrativo, seus princípios de organização, pois é a narrativa que confere papéis aos personagens de nossas vidas; é a narrativa que constrói as circunstâncias, as



ações, as causas, o próprio enredo; enfim “é a narrativa que faz de nós o próprio personagem de nossas vidas”. (DELORY-MOMBERGER, 2008: 37)

No que se refere à modalidade de pesquisa que diz respeito a um *corpus* formado por testemunhos, relatos, memórias, esta inscreve-se em um domínio chamado ‘narrativas autobiográficas’ o qual se insere em campo maior de estudo, o da autobiografia. Além da narrativa autobiográfica, outro aspecto autobiográfico pode ser destacado: a História de Vida (doravante HIVI).

Segundo Bourdieu (2006), a HIVI “é uma noção do senso comum que entrou como contrabando no universo científico” (p.183), porque até então não viam na HIVI o desenvolvimento de um estudo científico. Podemos apresentar esse processo de surgimento da HIVI da seguinte maneira: inicialmente, sem muita manifestação entre os etnólogos, depois com um pouco mais de alarde entre os sociólogos e, mais recentemente, com estardalhaço, entre os linguistas.

Retomando os aspectos do gênero autobiográfico, podemos citar, além das narrativas autobiográficas e as HIVI, um terceiro aspecto que faz parte desse grande gênero, o *depoimento*. Algumas pessoas podem pensar que os três aspectos acima possuem a mesma finalidade. De fato, as HIVI, as narrativas autobiográficas e os depoimentos supõem um mesmo estilo de pesquisa e de método, porém todos divergem tanto na forma como na finalidade.

Se considerarmos depoimento e testemunho como sinônimos, interpretação essa possível de ocorrer, devemos atentar sobre a observação de Voldman (2006), referindo-se ao testemunho:

Na palavra testemunho, encontramos a noção de prova de verdade. No sentido corrente do termo, o testemunho serve para provar um fato ou uma asserção e para estabelecer uma verdade (VOLDMAN, p.255).

Isso aplica-se sobretudo em textos jurídicos, já que a testemunha é alguém que se presta a dar seu depoimento para uma assembleia. O caráter que os identifica é a busca da verdade, assim como em textos de escrita de si. O que queremos mostrar, com isso, é que a Autobiografia, em sua qualidade de



gênero amplo, pode ser estudado em várias perspectivas devido à grande quantidade de aspectos que podem ser explorados, dentre os quais os citados anteriormente, os quais atendem à exigência de uma narrativa real. Não vamos nos detalhar, nessa parte, pois é um campo vasto e precisamos delimitar algumas áreas, mas está claro que a autobiografia é uma grande área do conhecimento a ser explorada.

Retomando o que já foi discutido nos parágrafos anteriores, sobre a diferença entre gênero e tipo, elaboramos, em estudo em andamento, acerca do processo de autoria narrativa⁵, o diagrama abaixo, para explicar o gênero autobiografia e seus diferentes aspectos. A intenção da pesquisadora foi demonstrar que a autobiografia está inserida nos estudos lingüísticos, ao passo que, para defini-la, precisamos tomar por base os estudos sobre gêneros discursivos. Observemos o diagrama:

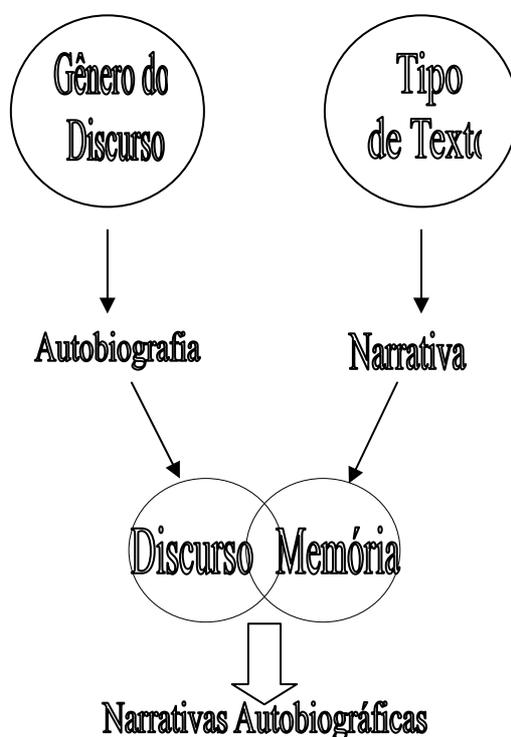


Diagrama desenvolvido por Cardoso, 2009⁶



No gráfico acima se pode observar, por um lado, que a autobiografia está inserida em um campo maior, que é o gênero do discurso; de outro, infere-se que o tipo de texto, usado com maior frequência na estruturação do gênero autobiográfico, é o narrativo. Logo abaixo são identificadas duas categorias que estão interligadas: o discurso, que remete ao gênero autobiografia, pois é característica da autobiografia a utilização de estratégias identitárias e da emotividade para falar/escrever de si; e a memória, a qual está relacionada ao tipo de texto, pois há a utilização das lembranças para auto-relatar-se, e é a partir desse processo de composição que surgem as narrativas autobiográficas.

Muito embora a ligação entre as categorias 'discurso' e 'memória', possam causar uma certa estranheza, quando se propõe que uma está ligada ao gênero e a outra ao tipo – considerando-se que ambas possuem características semelhantes e que poderiam estar inseridas, em princípio, em ambas as designações mais gerais (gênero e tipo)–, isso se explica pela própria estrutura do diagrama. A pesquisadora poderia, por exemplo, ter optado por separar, em dois círculos distintos, as categorias, mas optou por uma figura que representasse a idéia de que as categorias podem estar juntas, como frequentemente estão, para compor a narrativa autobiográfica.

Considerando o que já foi exposto até aqui pode-se perceber, em relação ao diagrama proposto, uma articulação específica entre narrativa e autobiografia para falar de si. No que diz respeito aos aspectos textuais, podemos identificar, nas narrativas analisadas em nosso estudo, um uso excessivo de metáforas, ora para representar algo positivo, a vida, por exemplo; ora para representar algo negativo, a morte. Além de expressões metafóricas, ou seja, o uso recorrente da memória para descrever uma lembrança e não o uso da história para descrever um fato. Essa abordagem confirma o que Maia-Vasconcelos (2005) defende, sobre o fato de que a narração não é a história narrada, a narração é uma tentativa de *mise en forme* de uma história dividida em eventos.



Estruturalmente falando, a construção da narrativa autobiográfica dá-se da seguinte maneira: temos um *autor-narrador-escritor*, um ser que possui experiência no mundo das práticas sociais, que narra, por meio de um *processo de escrita*, essa experiência do mundo para um *leitor-real* que recebe e compartilha a verossimilhança dos fatos e tenta estabelecer uma comparação com os fatos ocorridos em sua vida. A narratologia, por sua vez, não busca conhecer provas do que diz o sujeito e toma o relato como verdadeiro. O analista não se permite remontar para além da história ou de se pronunciar sobre os fatos postos no relato. O *finding* do narrador é tomado como real. O centro do interesse é a compreensão das estratégias de construção do discurso autobiográfico, como relato de vida, as escolhas, os caminhos buscados pelo autor de seu texto no momento da criação e da escuta.

ARTIFÍCIOS METODOLÓGICOS

Para a realização do estudo, na área da Autobiografia, há vários recursos metodológicos utilizados, dentre os quais podemos citar: entrevistas, o mais usado atualmente; e a análise do discurso em obras autobiográficas, entre outros. O que utilizamos em nossa pesquisa é a *entrevista clínica* (doravante EC), desenvolvida por nós em estudos anteriores (MAIA-VASCONCELOS, 2005). A entrevista clínica "se aplica a um grupo em crise, seja ela social, familiar ou pessoal" (p.137) e se opera nas pesquisas autobiográficas efetivamente por ser uma técnica de coleta que permite, ao pesquisador, implicar-se no problema do sujeito que relata, mantendo, com ele, uma situação de conversa, ao invés de uma situação de entrevista. A EC é um momento em que o pesquisador também se transforma em sujeito de sua pesquisa, haja vista que sua experiência discursiva será essencial para a compreensão do discurso de seu interlocutor.



Concordamos que, para cada situação, haverá uma sistemática a seguir e uma série de fatores a considerar, dos quais o principal é a circunstância de produção do relato. Em sua experiência com pessoas doentes, Stedeford (1986) explica que, no trabalho com sujeitos/pacientes terminais e/ou seus familiares, uma aproximação orientada para o problema é de muita utilidade. Para o autor, precisamos perceber que, antes de tudo, o sujeito deseja falar sobre tudo que está acontecendo naquele momento, a causa de sua preocupação ali no instante da doença. Nosso papel é permitir que ele conte tudo, devemos nos transformar nesta hora em ouvinte desses sujeitos.

Segundo Thompson (1992) toda fonte histórica, derivada da percepção humana, é subjetiva, pois cavamos fundo nas sombras de nossas memórias, com a expectativa de atingir a verdade oculta existente em cada um de nós. Dito isso, supomos que o autor quis dizer que a história oral é que nos permite desafiar essa subjetividade, e nós, enquanto pesquisadores, “sugamos” esse relato e o transformamos em nosso objeto de estudo.

No método de entrevista clínica, o narratário/pesquisador participa da reabilitação do sujeito analisado. Antes de aprofundar a discussão sobre o método, precisamos esclarecer que essa entrevista não possui cunho etnográfico, uma vez que o pesquisador não vivenciará diretamente a realidade de vida em que o entrevistado está inserido, ele apenas ouvirá, sem opinar, o que o sujeito tem para falar de sua vida.

Explicaremos, brevemente, como se desenvolve uma entrevista clínica. Primeiramente o narratário, ou pesquisador, deve ter uma base em entrevistas em geral (reações dos entrevistados, fugas, silêncio, dissimulações...); depois deve ter em mente os conteúdos que irá abordar e deve conhecer o objeto da entrevista, e este deve ser formulado com precisão e sem ambiguidade.

Como nossas abordagens dizem respeito a situações em que o sujeito que fala encontra-se em uma situação traumática ou de risco, e aqui vemos como situação de risco aquelas em que o sujeito se encontra em circunstância de crise,



entendemos que este sujeito irá proferir um discurso ou escrever uma narrativa diferente do que proferiria em uma situação normal. Este sujeito que fala é um indivíduo que "sofre suas palavras" (MAIA-VASCONCELOS, 2005; 130). E o objetivo do pesquisador será transformar essas palavras em seu objeto de estudo.

Consoante Maia-Vasconcelos (2005) não podemos deixar que a aparência de simplicidade e facilidade que nos passa a entrevista clínica nos iluda, pois ela é exigente e rigorosa, assim como os outros métodos. O principal problema que podemos encontrar na EC reside no fato de que o pesquisador, munido do sujeito e do objeto, arrisque tudo por falta de controle de seu ego de investigador.

O pesquisador deve fazer o possível para mostrar, ao sujeito que fala, o interesse em conhecer suas dores, alegrias, angústias, enfim, sua vida. Mostrando esse interesse, o sujeito sentirá incitado a falar de sua vida, a fazer suas confissões de acordo com a expectativa científica. Mas mesmo com todas informações, não teremos um discurso completo, sempre há o que Pineau e Le Grand (*apud* MAIA-VASCONCELOS, 2005) chamou de "resíduo biológico não dito". O relato é simplesmente a tentativa de ver a vida traduzida em palavras.

Ninguém pode negar que a enunciação escrita é, sem dúvida, a melhor maneira de fazer análises de um discurso. Por isso há pesquisas em que o estudo-base se concentra na análise de livros não-ficcionais publicados. O que não quer dizer que a entrevista, seja clínica, ou não, deixe de ser relevante para o processo de coleta e análise de dados.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se trata aqui de propor uma maiêutica do discurso proferido pelos sujeitos narradores, mas antes uma visão sobre as vertentes que põem, em evidência, o desenvolvimento do trabalho biográfico. A biografia, em si, prioriza a vida, os sujeitos, os atores do processo de criação, suas reflexões e suas escolhas relativas à escrita sobre seu percurso e o faz por meio do registro escrito. Este registro materializa certas informações que referenciam os fatos, e estes fatos realmente aconteceram no passado e são revividos, ao passo que buscamos, em nossa memória, lembranças para narramos sobre nós mesmo.

A autobiografia é a iniciativa de ir em busca do tempo perdido, como Proust, para enfim encontrar, nos recônditos da escrita, a conexão precisa entre os fatos. Esse encontro revela significações propulsoras do entendimento sobre a distinção entre escrever, como possibilidade de transcrever palavras, e escrever, como direito de transcrever sentidos.

A elaboração do relato autobiográfico propõe, entretanto, uma renovação da discussão sobre os gêneros textuais. Por isso, busca-se, nesses textos, a construção de uma consciência de que a elaboração de um texto biográfico marca um novo caminho para os estudos lingüísticos, e que estes terão de ser desprendidos da mera observação de fatos ligados às estruturas da língua, pois, sendo a língua, antes de tudo, um elemento de ligação social e histórica, sua manifestação se sobrepõe à sua organização formal.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. Introdução a Análise Estrutural da Narrativa. _____ in *Análise estrutural da Narrativa*. São Paulo: Vozes, 1973.



BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. _____ in *Uso e abuso da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo – projeto. São Paulo: Paulus, 2008.

MACHADO, N. A. M. Do modelo ao estilo: possibilidades de autoria em contexto acadêmico-científicos _____ in *Trilhas da Escrita: autoria, leitura e ensino*. São Paulo: Cortez, 2007.

MAIA-VASCONCELOS, Sandra Farias. **Clínica do Discurso**: a arte da escuta. Fortaleza: Premius, 2005.

PINEAU, Gaston ; LE GRAND, Jean-Louis. **Les histoires de vie**. Paris : PUF Que sais-je?, n° 2760, 1993, 1996.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Trad. Alain François et al. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

STEDEFORD, Averil. Encarando a morte – Uma abordagem ao relacionamento com o paciente terminal. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 2 ed.

Notas:

¹ Profª Drª da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL).

² Graduanda em Letras pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e bolsista PIBIC-CNPq.

³ Consultar Maia-Vasconcelos. S.F. **Clínica do Discurso**: a arte da escuta. Fortaleza: Premius, 2005 p. 129.

⁴ (grifo nosso)

⁵ Neurielli Cardoso - Bolsista de iniciação científica do CNPQ pela Universidade Federal do Ceará.

⁶ Diagrama desenvolvido pela pesquisadora, na condição de bolsista PIBIC, durante a pesquisa, ainda em andamento, sobre a escrita de si e o processo de autoria narrativa.

